

A MÍDIA BRASILEIRA E A VENEZUELA DE HUGO CHÁVEZ: uma análise de *O Globo* e *Carta Capital*

*Adjovanes Thadeu Silva de Almeida*¹

*Vitória Thess Lopes da Silva Lima*²

Resumo:

O presente texto inseriu-se em um projeto de pesquisa de iniciação científica mais amplo envolvendo os conflitos políticos internacionais do tempo presente, a partir de uma pesquisa sobre Ensino Médio e Relações Internacionais na mídia brasileira. A pesquisa contou com bolsa do CNPq, sendo orientada pelo professor doutor Adjovanes T. S. de Almeida, e buscou desenvolver uma análise acerca da forma como a mídia brasileira encarou certas questões envolvendo a Venezuela de Hugo Chávez, principalmente o que concerne à incorporação do país ao MERCOSUL e o processo eleitoral ocorrido no ano de 2012. No tocante à temática proposta, nosso artigo compreende as seguintes etapas: primeiramente, apresentaremos a trajetória política da Venezuela desde a posse de Hugo Chávez (1999); a seguir, analisaremos a adesão do país ao MERCOSUL e, logo após, o processo eleitoral, destacando de forma comparativa o papel desempenhado das mídias brasileiras selecionadas. Palavras-chave: História do Tempo Presente – Mídia brasileira – Venezuela – Governo Hugo Chávez.

Abstract:

This present text was inserted in a broader scientific initiation research project involving international political conflicts of our time, from a survey of high school and International Relations in the Brazilian media. The research was CNPq scholarship, being guided by Professor Dr. Adjovanes T. S. de Almeida, and sought to develop an analysis on how the Brazilian media faced certain issues involving the Venezuela of Hugo Chavez, especially as regards the incorporation of the country to MERCOSUR and the electoral process occurred in 2012. With regard to the proposed theme, our article comprises the following steps: first, we present the political history of Venezuela since the inauguration of Hugo Chavez (1999); then analyze the country's accession to MERCOSUR and, soon after, the electoral process, noting comparatively the role of selected Brazilian media.

Key words: History of the Present Time - Brazilian media - Venezuela - Hugo Chavez Government

¹Professor do Departamento de História do Colégio Pedro II (CPII/CENII). Professor Supervisor do Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II. Doutor em História Social (PPGHIS/UFRJ). Mestre em Educação (PROPPED/UERJ).

² Licenciada em História pela UNIGRANRIO.

A antiga República Venezuelana, a partir da ascensão de Hugo Rafael Chávez Frías ao Palácio Miraflores, nos anos finais da década 90 do século passado, não seria mais a mesma, pois novos caminhos políticos esperavam o país de Simón Bolívar e que, gradualmente, se tornaria o tema central de debates e polêmicas no cenário americano.

Hugo Chávez destaca-se no cenário político venezuelano a partir de um golpe fracassado para destituir o então presidente Carlos Andrés Perez, evento realizado em 1992, que acabou levando o pouco conhecido tenente coronel a chamar atenção da população e também da América. Tal golpe fracassado liderado pelo Movimento Bolivariano Revolucionário 200 (MBR-200)³, que ascenderia com Chávez à presidência em 1999, pode ser compreendido quando se leva em consideração a conjuntura do país nos momentos finais do governo de Perez; com efeito, tal governo, por volta de fevereiro de 1989, colocou em prática um polêmico pacote econômico, que era uma exigência do FMI para a liberação de empréstimos em torno dos US\$ 4,5 bilhões ao país, para resolver os problemas financeiros pelos quais passava a sociedade venezuelana. Com relação a esse pacote, as medidas atingiram diversos setores da população, uma vez que resultou no aumento do preço dos combustíveis, dos transportes coletivos, privatização de empresas, aumentos dos produtos de primeira necessidade, reajustes nos serviços de telefonia,

³ O número 200 escolhido pelos membros do movimento remete ao bicentenário do nascimento do líder venezuelano Simon Bolívar, cujos ideais inspiraram a formação desse grupo liderado por Hugo Chávez.

eletricidade, controle dos salários, dentre outras medidas que resultaram nos levantes de *Caracazo*⁴. Flávio da Silva Mendes menciona:

Após o anúncio do pacote a especulação aumentou, assim como a insatisfação da população. Naquela conjuntura, qualquer novo fato poderia ser o motivo para uma explosão. Foi o que ocorreu no final daquele mês: em consequência do aumento de 100% no preço do combustível, o governo autorizou o ajuste de 30% no valor das passagens do transporte coletivo. Esse número foi anunciado nos jornais de domingo, dia 26. Na manhã do dia seguinte, porém, os usuários encontraram motoristas cobrando um valor que correspondia ao dobro do antecessor. Logo, surgiram os primeiros conflitos entre passageiros e condutores, sobretudo nos terminais de ônibus das cidades nos arredores de Caracas, de onde muitos trabalhadores partem bem cedo para trabalhar na capital. (...) Camelôs, trabalhadores do terminal e passageiros se uniram. As pessoas se dirigiam à *Avenida Bolívar*, uma das mais importantes da capital e um dos símbolos dos bons tempos, onde iniciaram barricadas e saques. Em outros pontos da cidade ocorriam fatos semelhantes. Aqueles primeiros atos não encontrariam oposição das forças policiais, que em alguns casos se uniam à multidão. (...) Apesar da polícia ainda não ter iniciado forte repressão que se veria mais tarde, algumas mortes por armas de fogo já ocorriam em alguns pontos da cidade, acredita-se que como resultado de confrontos entre comerciantes e saqueadores. (MENDES, 2012, p. 100-101)

Assim, neste momento marcado por expressiva insatisfação social, apareceu no cenário político venezuelano Hugo Chávez, liderando o golpe contra o governo Perez, e representando assim o referencial das diversas vozes populares que sofriam com as medidas econômicas inseridas no país a partir de 1989. Em relação aos levantes de 1992 realizados pelo MBR-200, as duas tentativas de golpes, ocorridas nos meses de Fevereiro e Novembro daquele ano foram fracassadas devido diversos fatores, e que

⁴ Caracazo: reação popular ao pacote econômico adotado pelo governo Pérez, em 1989, resultando em uma onda de protestos que duraram diversos dias, ocasionando grande turbulência social. Os protestos tiveram como estopim o reajuste das tarifas de transportes públicos, e foram objeto de violenta repressão por parte das autoridades estatais.

incluem a própria (in)capacidade, naquele contexto, do movimento conseguir imobilizar o governo apenas com um grupo de militares. As insurreições resultaram na prisão dos participantes, incluindo o próprio Chávez; contudo, a partir desse episódio o MBR-200 adquiriu maior relevância no cenário social do país. Segundo Flávio da Silva Mendes:

Chávez, para evitar um derramamento de sangue, negociou a rendição do grupo. Foi através dessa negociação que o tenente-coronel conseguiu transformar a iminente derrota numa vitória: ao ser contatado pelo ministro da defesa, que lhe exigia rendição, Chávez pediu autorização para realizar um pronunciamento em rede nacional de televisão, através do qual poderia comunicar aos militares rebelados que o golpe havia fracassado. (...) Mas a marca registrada daquele discurso foi o “por enquanto” [*por ahora*], que criava a expectativa de que aquele movimento, embora derrotado, não esgotaria ali seu projeto de conquista do poder. Ao final da mensagem, Chávez assumiu a responsabilidade por aquele movimento fracassado, construindo uma imagem de confiança frente ao país, revelado em pesquisas futuras. Finalmente, identificou o movimento como “bolivariano”, apelando à imagem do Libertador. (...) Chávez embora detido, sem dúvida, encontrava-se do lado vitorioso dos acontecimentos de 4 de fevereiro. (MENDES, 2012, p.119-121)

Desse episódio em diante, dificilmente o sobrenome Chávez seria esquecido dentro e fora do país, sendo muitas vezes acompanhado de certos adjetivos como “caudilho” e “tirano”, pelos grupos políticos conservadores e neoliberais. Apresentando-se como um personagem bastante curioso para a compreensão geral, devido às identificações com o antigo libertador venezuelano da dominação espanhola, Simón Bolívar, nos discursos, posturas, sobre a relação dos países americanos frente ao contexto internacional, Chávez foi conquistando novos espaços políticos, a partir de sua vitória eleitoral, e inserindo a atual República Bolivariana

da Venezuela em novos patamares no que condiz ao reconhecimento político internacional e regional.

Após as eleições ocorridas em 1998 o novo presidente Chávez apresentou para o mundo os caminhos que a Venezuela iria seguir dali em diante, uma vez que passou a assumir um discurso antagônico acerca dos Estados Unidos da América e enfatizando o caráter nacionalista do governo que estava para iniciar, além de um projeto que levasse a uma integração dos povos americanos em diversos aspectos. Naquele contexto político, de rompimento com o antigo cenário que o país vinha trilhando de favorecimento aos estadunidenses, alterando-o para uma guinada rumo a um novo papel no quadro internacional – e que incluiu, até mesmo, o retorno das negociações com Cuba – resultará em uma crescente insatisfação por parte dos grupos opositores, que se aventurariam em um golpe fracassado em 2002 com o objetivo de destituir Chávez da presidência.

O mês de abril de 2002 marcou definitivamente a história da República Venezuelana com relação a Hugo Chávez, pois a partir dos eventos que eclodiram no país naquele momento as máscaras conservadoras caíram e os gritos de muitos venezuelanos mostraram o que o presidente representava, mesmo em tempos confusos e incertos. O golpe fracassado contou com apoio de todos os grupos insatisfeitos com os rumos que o país vinha seguindo desde que Chávez se tornou presidente, e por meio das articulações opositores (militares e civis) provocaram o afastamento temporário dele da presidência da Venezuela. Contando com o apoio maciço da mídia interna (em especial da RCTV) e

do governo dos Estados Unidos, Chávez foi afastado durante 48 horas do governo, assumindo em seu lugar o empresário Pedro Carmona que buscou legitimar a solução autoritária em âmbito internacional com justificativas meramente ideológicas, assim tentando consolidar seus projetos alinhados aos interesses estadunidenses.

Porém, as forças políticas, populares e militares aliadas ao presidente mobilizaram-se e, com sucessivas pressões contra o governo que estava tentando se enraizar no país, acabaram produzindo a deposição de Carmona e seus aliados golpistas, fazendo com que Chávez finalmente retornasse a sua antiga posição de líder. Esse episódio gerou diversos efeitos: primeiro, serviu para desmoronar todo o cenário conturbado que envolvia Chávez e seu governo, uma vez que mostrou claramente a convulsão popular venezuelana desejosa da volta do considerado “caudilho latino” e não o contrário. Segundo: como consequência do apoio dos EUA ao golpe, as relações entre as duas nações sofreram significativos abalos que, se não provocaram a ruptura diplomática, geraram escaramuças constantes a partir de então, quer durante a presidência de George W. Bush, quer sob o governo de Barack Obama.

Prosseguindo nessa sintética análise a respeito da trajetória venezuelana, questões que também merecem destaque estão relacionadas às propostas integracionistas de Chávez que, desde os primeiros momentos foram vistas com olhares desconfiados e questionadores. Além de apontar uma postura favorável a integração latino-americana, levando assim a receios no panorama político interno

e externo, certas propostas do presidente também ocasionaram um acirramento político envolvendo o governo e a própria figura dele na liderança do país. Deste modo, o governo Chávez foi objeto de constante desqualificação, tanto pelos grupos midiáticos conservadores quanto por governos alinhados ao neoliberalismo, principalmente após a formação da ALBA (Aliança Bolivariana para os povos da nossa América), em 2004, e que se contrapunha ao projeto estadunidense da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas); tais projetos, portanto, podem ser considerados antagônicos, pois a opção defendida pelo governo norte-americano se afastava da concepção integracionista de Chávez: assim, enquanto a ALCA propunha um território comum em que imperasse a desregulamentação econômica, a proposta chavista defendia um Estado intervencionista em assuntos econômicos.

Ao mesmo tempo, o governo Chávez defendeu a criação da UNASUL (União das Nações Sul-Americanas), em 2008, como uma forma de aprofundar semelhante integração, igualmente, a Venezuela Bolivariana buscou se incorporar na CAN (Comunidade Andina) e, também, no MERCOSUL (Mercado Comum do Sul).

Além disso, o discurso do líder venezuelano acabou assumindo uma proporção maior com a vitória de outros presidentes americanos, como, por exemplo, Evo Morales (Bolívia) e Rafael Correa (Equador), extrapolando as fronteiras venezuelanas; por outro lado, a decisão do governo Chávez de não renovar a concessão da RCTV (Radio Caracas de Television) para explorar a “televisão aberta” acirrou a insatisfação dos grupos de oposição (não apenas político-partidários, mas também

empresariais e, em especial, midiáticos). De fato, a partir deste momento, aumentaram os discursos de ausência de liberdade de expressão no país, que foram divulgados apontando a RCTV como vítima do “ditador Chávez”; é importante frisar que tais discursos ultrapassaram o território venezuelano, propagando-se para outros países – como, por exemplo, o Brasil.

No que tange às relações regionais no âmbito da América do Sul, desenvolveu-se também uma indisposição envolvendo o governo venezuelano e o governo colombiano de Álvaro Uribe. O tema central dos conflitos apresentou relação direta com antigas questões fronteiriças e o apoio da Venezuela ao grupo guerrilheiro Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

No tocante, ao processo de incorporação da República Bolivariana da Venezuela ao bloco do MERCOSUL, a conjuntura não se apresentou animadora devido à forte oposição vinda dos grupos conservadores políticos e midiáticos contra Chávez, posição que foi simbolizada pelo Parlamento Paraguaio, o qual, em função de uma postura antichavista, bloqueara o acesso do país ao bloco, mesmo com os outros membros sendo favoráveis. Contudo, os ventos mudaram de direção e um episódio político paraguaio acabou sendo vantajoso para a República de Chávez: o impeachment do presidente Fernando Lugo que ocorreu no mês de Junho de 2012; a postura dos demais membros do bloco (em especial Brasil e Argentina), condenando a deposição do presidente Lugo por considerá-la um golpe, possibilitou a entrada da Venezuela no MERCOSUL.

Isso porque o novo governo paraguaio sofreu isolamento diplomático por parte de seus principais vizinhos. Esse quadro político resultou no afastamento temporário do país tanto do bloco da UNASUL quanto do MERCOSUL, sob a acusação de romper com a cláusula democrática que rege os blocos. Por fim, com o Paraguai afastado houve uma abertura para a inserção da República Bolivariana que ocorreu oficialmente em julho de 2012. Porém, os críticos de Chávez e seu governo desde o início do processo de adesão passaram a contestar a entrada do país imediatamente ao afastamento de um dos membros do bloco. As acusações sobre o caso apontavam questões ideológicas, contradições, entre os membros do MERCOSUL, manipulações internas, dentre outros argumentos.

Assim, aproveitando-se da crise que acontecia no Paraguai, o setor midiático brasileiro passou a demonstrar apoio a grupos políticos e midiáticos da oposição venezuelana, por meio de publicações recorrentes (impresas e online) e análises cotidianas de jornalistas, nas quais a figura de Chávez se apresentava cada vez mais obscura. Deste modo, a imagem dos acontecimentos paraguaios foi objeto de uma interpretação bastante própria por parte da grande mídia brasileira, buscando apresentar Federico Franco (vice-presidente paraguaio e opositor de muitas medidas adotadas pelo presidente Lugo) como o “salvador” do Paraguai, que conseguiu retirar o país da administração de um presidente incapaz. Em relação a essa conjuntura, para exemplificar a forma como O Globo, posicionou-se acerca desses eventos sobre o

afastamento paraguaio até a incorporação Venezuelana, basta analisar a publicação de uma colunista do jornal.

Do ponto de vista político, é uma fratura exposta no Mercosul, porque está desrespeitando a regra da unanimidade. Todos os membros têm de dizer sim, mas aquele que estava dizendo não, o Paraguai, foi suspenso. Esse país, aliás, desrespeitou a regra democrática, mas Chávez a desrespeita sistematicamente. Aceitar a Venezuela é uma contradição insanável.

Do ponto de vista da economia, quanto mais países entrarem no Mercosul, melhor, se não significar limitação para o Brasil. Cria-se musculatura. Seria bom fazer um grande bloco da América do Sul. Toda a restrição que se faz à Venezuela é ao governante, que está há 13 anos, não ao país.

Nesse momento, por causa dos erros cometidos pela política econômica de Hugo Chávez, a Venezuela tem capacidade de só exportar petróleo cru, e o Brasil precisa mais de gasolina. Chávez disse que pode exportar petróleo e comprar aviões da Embraer. O Brasil, hoje, tem um comércio favorável a ele. A Venezuela, hoje, importa muito, porque desorganizou o setor produtivo com excesso de intervenção, controle de preços, estatizações. É uma economia importadora.

É um bom negócio estar do lado da Venezuela, do ponto de vista comercial econômico; é bom para o Mercosul, que ganhou mais membros. Mas da perspectiva da política, ficou uma fratura exposta, como será quando o Paraguai voltar? Nessa parte, a questão ficou confusa. (LEITÃO. **O Globo**, jul 2012.)

De acordo com essas palavras, é possível observar o reconhecimento da autora do texto acerca do significado econômico que a entrada do novo país poderia representar para a dinamicidade do bloco, e, de modo particular, para o Brasil. Contudo, também está presente uma depreciação sobre o governo Chávez ao apontar a ausência de democracia na Venezuela, uma vez que o presidente defende uma postura mais enfática do Estado sobre as áreas econômicas. Mais ainda, esse enfrentamento ideológico ao presidente venezuelano não termina, pois

leva a entender que a adesão tem caráter ideológico sobre a figura dele e não somente pelas riquezas petrolíferas do país.

De acordo com essa temática que envolveu questões delicadas do MERCOSUL, tais como a incorporação e o afastamento de membros, o jornal **O Globo** adotou uma postura onde se buscou ressaltar as possíveis consequências que poderiam surgir a partir da entrada da Venezuela ao bloco. O noticiário desde o impeachment de Lugo esteve em torno das insatisfações paraguaias e possíveis conflitos entre os membros sobre a decisão de inserir o país de Chávez.

Posicionamento contrastante sobre os mesmos episódios esteve presente nas páginas da revista **Carta Capital**, que procurou, ao invés do jornal examinado, adotar análises críticas e coerentes com os acontecimentos, ao invés de produzir uma interpretação que adaptasse tais fatos ao seu ideário, como podemos inferir que ocorrera com os grupos midiáticos de teor mais conservador. A revista mostrou-se favorável à expansão do bloco visto que a incorporação da República Venezuelana poderia beneficiar o MERCOSUL e seus países membros. Igualmente, esta ampliação poderia impulsionar em especial a economia brasileira, uma vez que empresas localizadas no território brasileiro obteriam benefícios ao estabelecer vínculos com um país que possui um mercado consumidor bastante significativo. Desta maneira, Carta Capital destacou que a adesão da Venezuela ao MERCOSUL associava-se principalmente a questões econômicas, e não apenas ideológicas ou político partidária.

Assim, a reportagem abaixo nos pareceu exemplar da postura adotada por **Carta Capital** em relação à adesão da Venezuela ao MERCOSUL:

Analistas ouvidos por Carta Capital, entretanto, avaliam que a entrada da Venezuela no Mercosul tem um fundo estratégico para o Brasil, e não político - o que poderá ajudar a revitalizar o bloco.

Mais do que o "socialismo do século XXI" defendido por Chávez, interessam ao Brasil e ao Mercosul os aspectos econômicos da Venezuela, notadamente seus 30 milhões de consumidores e sua capacidade de gerar energia. A Venezuela é dona das maiores reservas de petróleo cru do mundo, com 296,5 bilhões de barris, contra 264,5 bilhões da Arábia Saudita. Esses fatores precisam ser levados em conta e colocados acima da questão ideológica. “A decisão (de aceitar a Venezuela no Mercosul) foi obscurecida por estar ligada ao governo Chávez, mas ele eventualmente vai deixar o comando do país, e não se pode confundir interesse de médio a longo prazo com o chavismo”, diz o economista Roberto Teixeira da Costa, presidente da Câmara de Arbitragem da Bolsa de Valores de São Paulo. Costa critica a forma como a Venezuela foi inserida no Mercosul, mas avalia que o país agrega muito ao bloco e será capaz de revitalizá-lo. “A Venezuela gera energia e renda. Vai ter necessidade de consumir e o Mercosul terá uma condição de ser fornecedor importante de bens, produtos industriais e serviços, como empresas multinacionais”, afirma. (BONIS, **Carta Capital**, julho de 2012)

Portanto, é possível apreender que a adesão da Venezuela ao bloco esteve em torno de polêmicas que foram expostas de formas diferenciadas pelos órgãos midiáticos brasileiros. O jornal **O Globo** e a revista **Carta Capital** apresentaram opiniões contrárias e favoráveis acerca das questões apontadas no decorrer dessa análise, mostrando, sobretudo, o papel que a mídia assume em produzir análises que fortaleçam seu posicionamento ideológico a respeito de certos temas que são publicados cotidianamente (por exemplo, a oposição entre intervenção estatal sobre a economia e liberdade econômica dos agentes).

Outro assunto que também ganhou as páginas das mídias analisadas foi a disputa eleitoral para a presidência da Venezuela no decorrer do segundo semestre de 2012. Nessas eleições, Hugo Chávez (Partido Socialista Unido da Venezuela), candidato à reeleição, enfrentou seu principal opositor político, Henrique Capriles (Mesa da Unidade Democrática), dentre outros candidatos.

Mais uma vez foi possível detectar os posicionamentos contrários entre o jornal **O Globo** e a revista **Carta Capital**, acerca da abordagem das eleições e dos próprios candidatos. Assim, **O Globo**, além de divulgar questionamentos sobre o sistema de votação venezuelano (acusado pelo matutino carioca de passível de manipulação), buscou divulgar a imagem de Chávez como perseguidor da imprensa, autoritário e símbolo do poder centralizado. Com efeito, tal posicionamento ficou explícito na notícia abaixo.

[Em função de sua doença] deixou de fazer o “Alô Presidente”, seu longo programa televisivo dominical, e reduziu seu ritmo de atividades e compromissos. Ao mesmo tempo, aprofundou a sua fé em Deus, fazendo orações públicas por sua saúde. Mas esta aparente fraqueza não ofuscou o líder impetuoso, ousado e provocador tão bem conhecido pelos venezuelanos desde 1992, quando liderou um golpe frustrado contra um desgastado sistema bipartidarista. (...) Chávez pediu a vitória para tornar "irreversível" o seu sistema socialista e acelerar o Estado comunista, algo que os críticos veem como uma nova manobra para concentrar mais poder em suas mãos. Não hesitou em falar em uma “ameaça de guerra civil” caso o rival ganhe as eleições. Ele já é o comandante-em-chefe das Forças Armadas, presidente do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV), que tem maioria na Assembleia Nacional, e controla a mídia estatal. Apelou aos poderes para governar por decreto por 18 meses até junho, o que permitiu aumentar sem limites a dívida pública. (...). Considera-se protagonista de uma segunda independência da Venezuela, país com uma das maiores reservas mundiais de petróleo, o que lhe permitiu

financiar milionários programas sociais de ajuda aos pobres.

Sua popularidade contrasta com a rejeição pela classe média, afetada pelas restrições econômicas impostas em nome de sua revolução e pelas políticas de desapropriação de empresas privadas. (...) Ele retomou do líder cubano Fidel Castro, seu mentor, as bandeiras contra os Estados Unidos e liderou um grupo de governos regionais de esquerda hostis a Washington. Também teceu parcerias com os governos polêmicos de Irã, Belarus e Líbia.

Mas tem sido pragmático o suficiente para continuar a vender diariamente para os Estados Unidos um milhão de barris de petróleo.

Com seus petrodólares, também estabeleceu iniciativas regionais como o grupo de coordenação política Alternativa Bolivariana para os Povos de Nossa América (Alba) e subsidiou o petróleo da Petrocaribe. (O Globo (A), outubro de 2012)

Por outro lado, o jornal **O Globo** procurou apresentar o candidato da oposição, Henrique Capriles, de modo diferenciado da imagem de Chávez, destacando a juventude e a saúde do opositor, em detrimento do quadro complicado que o presidente enfrentava de luta contra um câncer. A análise que veio a público demonstra claramente a atitude do jornal frente às eleições:

Eu não sou um candidato de cartazes, o magro é visto nas ruas", disse recentemente o candidato, de corpo atlético e a voz rasgada, em referência a Chávez, de 58 anos, que foi forçado a diminuir o ritmo de aparições nas ruas devido à recuperação de um câncer diagnosticado no ano passado. Fã de esportes, ele fez caravanas em automóveis e, por vezes, caminhadas (...). As imagens da campanha mostram o candidato cercado por multidões em uma caminhonete, com o rosto suado e a voz ofegante, tentando abrir caminho entre os partidários jogando bonés nas cores azul, amarelo e vermelho da bandeira venezuelana, o que contrasta com o vermelho dos partidários de Chávez. Com discursos curtos e uma mensagem simples, baseada nos problemas cotidianos dos venezuelanos, Capriles se distanciou das questões ideológicas, até então uma obsessão da oposição, e foi capaz de despertar um entusiasmo crescente, que antes era visto apenas nas fileiras de Chávez. (**O GLOBO** (B). outubro de 2012)

Contrapondo as análises do jornal, que decidiu enfatizar certa imagem estereotipada acerca do presidente venezuelano, assumindo uma postura favorável ao principal candidato da oposição de Chávez, o colunista Roberto Amaral, da revista **Carta Capital**, examinou também essas questões que envolvem o país e o papel desempenhado pela mídia conservadora:

O que move as cordas que dirigem a militância reacionária de nossa imprensa – ainda impressionando os ainda incautos— é o caráter do regime bolivariano, a saber, a opção pelas massas, que explica as eleições e reeleições na América do Sul de presidentes desatentos ao catecismo anti-popular do neoliberalismo: Venezuela, Equador, Brasil, Uruguai, Argentina e Bolívia. Todos, em doses diferentes, detestados pela Sociedade Interamericana de Imprensa (...). Mas, que temos nós a reclamar, se o governo da Venezuela, democrático, nos apoia politicamente e abre sua economia para as empresas brasileiras? Insuportável, na realidade, é que a Venezuela tenha à frente de seu governo um não-branco, ademais de quadro estranho ao establishment; é insuportável a sobrevivência política e popular de um governo nacionalista (vá lá à palavra anatematizada), que, ao invés de submeter-se aos interesses dos EUA, privilegia os seus, promove a defesa de suas riquezas – postas a serviço de seu povo – e sua soberania. É insuportável que ao invés de governar para os 1% que constituem sua perversa e corrupta classe dominante – forânea, alienígena, com o umbigo e o coração em Miami— governe com vistas ao conjunto da população e privilegie os interesses dos mais pobres. (AMARAL, **Carta Capital**, outubro de 2012)

O colunista buscou apontar que certos órgãos de imprensa brasileiros, no decorrer das suas coberturas jornalísticas, possuem um aspecto classista, assumindo os mesmos posicionamentos e discursos que distorcem o governo do presidente Chávez, sempre com os mesmos adjetivos, relacionando a imagem dele com o de autoritário, antidemocrático, entre outras associações depreciativas.

À guisa de conclusão, podemos constatar o posicionamento político de setores da mídia, na medida em que procuram veicular posições ideológicas acerca de determinados assuntos – como se pode perceber no noticiário sobre a entrada da Venezuela no MERCOSUL, explicitando a ação de alguns órgãos de imprensa como porta vozes de grupos políticos e dos interesses das elites econômicas. Realçando assim os debates acerca da necessidade da democratização da mídia, pois, a abrangência e monopólio que certos setores da comunicação tanto do Brasil quanto da Venezuela possuem, abre espaço, apenas, para a difusão de uma imagem dos assuntos abordados e não a reflexões plurais. A última conclusão que se pode alcançar remete às propostas integracionistas do presidente Chávez, sem pretender colocar uma legenda rosa acerca dos relacionamentos políticos do país. A posição do presidente contribuiu para repensar o tipo de relacionamento que os países latino-americanos vinham construindo no decorrer das décadas. E, também, sobre quais poderiam ser considerados interesses nacionais – em especial no que tange à exploração das riquezas, frente aos interesses das elites e das corporações estrangeiras. A ALBA, UNASUL, CAN e MERCOSUL mostram que é possível um diálogo que favoreça o posicionamento dos países rumo ao seu próprio fortalecimento no cenário internacional. E também, que o estreitamento de laços pode trazer benefícios sociais, políticos, econômicos e culturais.

Referências

Periódicos

AMARAL, Roberto. “Chávez e a derrota dos barões da imprensa”. In: **Carta Capital**, São Paulo, out 2012. Disponível em:

<http://www.cartacapital.com.br/internacional/chavez-e-a-derrota-dos-baroes-da-imprensa/>. Acesso em: 31 maio 2013

BONIS, Gabriel. “Entrada da Venezuela no Mercosul é mais econômica do que política”. In: **Carta Capital**, São Paulo, Jul 2012. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/entrada-da-venezuela-no-mercosul-e-mais-economica-que-politica/>. Acesso em: 15 maio 2013.

LEITÃO, Mirian. “O que representa a entrada da Venezuela no Mercosul”. In: **O Globo**, Rio de Janeiro, jul 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2012/07/31/o-que-representa-entrada-da-venezuela-no-mercosul-457989.asp>. Acesso em: 15 maio 2013.

O GLOBO (A). “Campanha frenética torna Capriles 1º opositor capaz de derrotar Chávez”. In: **O Globo**, Rio de Janeiro, out 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/10/campanha-frenetica-torna-capriles-1-opositor-capaz-de-derrotar-chavez.html>. Acesso em: 31 maio 2013.

O GLOBO (B). “Há 14 anos no poder, Chávez enfrenta seu maior desafio na Venezuela”. In: **O Globo**, Rio de Janeiro, out 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/10/ha-14-anos-no-poder-chavez-enfrenta-seu-maior-desafio-na-venezuela.html>. Acesso em: 31 maio 2012.

Obra

MENDES, Flávio da Silva. **Hugo Chávez em seu labirinto: o movimento bolivariano e a política na Venezuela**. São Paulo: Alameda, 2012.

* * *

*Recebido em 05/08/2014
Aprovado em 07/09/2014*